

ESCRITAS TRANSGRESSORAS E LITERATURAS MARGINAIS: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A GERAÇÃO PÓS 68 NO BRASIL

RÔMULO MEDEIROS PEREIRA, romulo.medeiros@hotmail.com

Nossos esforços de análise, oriundos de prazerosas discussões sobre os afetos, perpassam as décadas de 70 a 80 do século XX. A pesquisa é um estudo sobre os afetos, na busca de problematizar e entender como os afetos perpassam ou se cruzam, quais as relações mantidas entre a esquerda revolucionária, a família e outros, mais voltados aos sentimentos, fizeram das escolhas afetivas o principal mecanismo para a construção identitária. Grupos que trazem consigo uma carga de interdição e exclusão.

Entre 70 e 80 os afetos, em suas variadas formas de amar, conviveram com o exílio político, e muitas vezes exilados os próprios sentimentos amorosos, a partir da prática moral de interdição. A pesquisa tem como fio inicial o escritor Herbert Daniel e suas obras, e, o diálogo mantido com outros escritores da época, como Caio Fernando Abreu, Paulo Leminski, Hilda Hilst e outros. Estes autores, compondo a trama, aumentam sua densidade à medida que a pesquisa vai incorporando novos fios ou indícios de poesias e personagens, que vão amenizando a cinza que se encontra sobreposta aos afetos, com isso o tapete irá tomando sua forma.

Ao partimos de Daniel percebemos dois momentos históricos de sua vida, um que se inicia no final da década de 60 e vai até o final da década de 70 e o outro na década de 80. Nos anos finais de 60 e início de 70 entre urros e cantos de agenciamentos múltiplos se envolve com a guerrilha, e luta contra a ditadura, em um momento de interdições e restrições multiplicador de tristezas, solidões e dores que o fará perceber que formas de amar não emergiam apenas das relações com companheiros, mas também de tudo que os envolviam, os cercavam. É só na década de 80 de volta do último “exílio” em Paris que suas experiências de vida marcada pelo medo, pela solidão e pelas conquistas e recuos, serão transcritas para seus livros que foram publicados na mesma década.

Herbert Daniel utilizou a literatura e as palestras como as principais armas de sua resistência contra verdades instituídas. Ele percebeu que as mesmas moldavam padrões de afetos que o privavam da possibilidade de se auto construir afetivamente.

Daniel conviveu de forma conflituosa nos limites dos agenciamentos políticos, comportamentais, sexuais e existenciais que o exilavam em cartografias estabelecidas culturalmente, que inviabilizava outras formas de amar. Lutou por via da guerrilha contra os cassetetes e as torturas, ambas ferrugens da ditadura brasileira que corroia os desejos.

Nas principais obras de Daniel, nos enredos ficcionais ou autobiográficos há uma aproximação com a ego história -, a escrita de si se convertendo na escrita da história.

(GOMES,2004) *Na obra Meu corpo daria um romance*, Daniel escreve para resistir, e narra a experiência de ser guerrilheiro revolucionário, experiência que conviveria com outros desejos, vontades e modos de existência.

[...]os militantes militavam, eram parcelas de uma engenhoca que montavam e que não conseguiam controlar. Pedro era um pedro entre pedros de diferentes modos de se situar entre, e no meio.(DANIEL,1984.p.25)

Daniel narra a vontade de amar em conflito com as práticas e a moral revolucionária. As personagens seguem a trilha deixada por Deleuze quando descreve a história por via de Foucault.

[...] A história, segundo Foucault, nos cerca e nos delimita; não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir; não estabelece nossas identidades, mas a dissipa em proveito do outro que somos [...] (DELEUZE, 2006.p. 119)

No início da obra intitulada: *O meu corpo daria um romance* nos deparamos com a personagem que ao se despedir de seu namorado com um “leve” beijo na boca e adentrar ao ônibus, em plena noite de Copacabana tem que conviver com olhares e **fofocas**, padronizadora de sua experiência de amar.

O beijo, ato impulsivo de quem ama, não tem a necessidade de se justificar. E era essa a exigência do afeto e do desejo de Daniel naquele momento. O amor entre iguais na busca de se expressar e experimentar o amar. Padrão identitário que muitos fazem questão de reproduzir e manter com ele relações de poder, acreditando que todos os afetos e desejos oriundos dessa identidade, tenham sido atribuídos pela “natureza”. Ao acreditar que a natureza quem escolheu para ele, segmentariza outras paixões, afetos e desejos. Daniel, naquele momento, sentira por via de olhares e falas dos curiosos uma cobrança exigente de comportamentos que ligasse seus desejos ao seu sexo. Entre ele e seu corpo havia inúmeros visíveis e dizíveis, limitador dos desejos.

O artista plástico Rubens Gerchman no documentário *Ver Ouvir* de Antônio Carlos Fontoura disse:

A caixa para mim é o próprio limite do homem; esse homem condicionado pelas grandes verdades fabricadas; esse homem a quem a realidade assusta tanto que às vezes, como solução, só resta desaparecer.

A personagem atua no espaço de equilibrista entre o fora e o dentro do padrão normativo. Entretanto, mesmo com o medo e a necessidade de fingir “modos de macho”, que renega, ele consegue escapar da caixa no ato do beijo entre dois namorados. Ocupa um território estabelecido por uma cultura máscula que desmancha sem entrar em atrito diretamente com o

que recusa por via da feminilidade. Não se reconhece como adversário, ou como bicha que aos olhos dos demais do ônibus remete à passividade. Desliza e se destaca do seu lugar de fixação estatutária legitimado pela cultura do falo. Manter-se desta forma é estar no que Deleuze e Guattari chamam de lei-esquiza.

A personagem para resistir aos discursos de enquadramento, ao quais os seus afetos e amor são submetidos, tenta inúmeras linhas de fuga, mas a que ele acreditava ser possível naquele momento mostrou ser um caminho rançoso.

Quis fuga. Ou refúgio. Escolhi o assento que me pareceu abrigo, pois perto de vocês dois que pareciam parte de minha tribo, gente de minha gente, que eu chamaria, de alguma forma, companheiros – ilustre palavra de tribalização: porém vocês dois me olharam como os outros me acuaram, o que prontificou na segregação mais ironia, mais dentes, com mais confusão.

É, hoje não os reconheceria. Pressenti, apenas, os seus rostos. Os detalhes que relembro são suas camisas. Você, que viajava na janela, usava uma camiseta branca onde estava desenhada a linda bandeira e a fabulosa palavra polonesa: SOLIDARNOSC. Você, ao lado do primeiro, trazia no peito uma estrela vermelha, as cinco pontas de uma esperança que a gente – eu, você... – partilha com tantos companheiros. PT. Saudações. Só? No seu peito, sob seu sorriso, aquela estrelinha de plásticos luziu como um intolerável fracasso. Meu. A esperança tornada ranço de devaneios.

Vocês comentavam, não entendi nada, o beijo bicha, escarnecendo o ato que achavam ridículo, meu provável modo de sexualidade. Alteravam a voz numa paródia do que seria uma fragilidade grotesca (feminina? Virgem! Feminina!), ou uma culpa falência masculina (masculina? Mais valia: Macha.); flauteavam: (DANIEL, 1984.p.15)

Na década de 80 a organização do Movimento Homossexual é submetida à hierarquia proletária, essa submissão começa nos fins dos anos 70. Uma parte do grupo *Somos* (grupo homossexual) encabeçado por James Green, e identificado como “beterrabas”, de cunho ideológico trotskista toma as rédeas do setor de Divulgação do *Somos*, com intuito de definir o que era ser homossexual, por via de uma identidade coletiva. O grupo de oposição, tachado de anarquista ou surrealista era a favor de uma atividade de conhecimento a partir dos afetos, do contato íntimo e da “liberdade dos desejos”.

A relação de animosidade mantida entre os dois grupos, fez emergir dentro do grupo ideológico “beterrabas” a necessidade de variados mecanismos de controle e policiamento da oposição, incluindo dentro desses mecanismos de controle o “charme” do líder dos trotskistas que era um americano que dispunha de características que despertavam os desejos dos corações solitários do *Somos* -,o afeto espião. “[...] Houve, por exemplo, trepadas entre adversários políticos, com o fim exclusivo de “colher informação” sobre as atividades do grupo oposto.” (TREVISAN, 2000.p.359)

Desta forma o grupo trotskista conseguiria impor suas vontades ideológicas e patrulharia as posições políticas dos demais da oposição, conhecidos como “chicórias”. Com esse cerco o

grupo ideológico institucionaliza o Somos e abre uma sede temporária no diretório municipal do PT, na região central de São Paulo.

A partir daí surgiria toda uma exigência do PT de homogeneizar os comportamentos afetivos desses militantes homoeróticos, homogeneização exercida por um discurso de alinhamento. Termos como veado, gay e entendido deveriam ser substituídos pelo velho jargão da esquerda “companheiro”. O discurso que visava a igualdade de tratamento, independente da prática sexual afetiva do militante do PT, remetia à exigência de boa conduta, à discriminação e à indiferença dos militantes heterossexuais do PT em relação aos militantes trotskistas do *Somos*.

Em 1988 Cazusa e Frejat iriam compor a música *Ideologia* que apenas um trecho pequeno da canção resumiria um pouco da experiência do Somos com a ideologia da esquerda. O trecho Diz: “Meu partido é um coração partido”.

Antes da década de 80 não só os afetos homoeróticos eram tolhidos no âmbito do aparelho guerrilheiro de esquerda, os afetos heteros sofriam com o exílio afetivo também. Exílio muitas vezes oriundo da postura discreta que os militantes tinham que manter para não levantarem suspeitas das suas ações de resistência, do discurso ideológico da esquerda que impunha limites ao ato de amar dos militantes e do desgaste de seus corpos, ao doar-se a revolução. “Quanto tempo? Meses sem trepar, minhas senhoras e senhoritas? Depois de Tânia mais ninguém e, de um mês pra cá, nem punheta. Era sufoco total, o nó cego no piru” (SYRKIS,1981.p.133)

Os afetos oriundos da prática sexual homoerótica muitas vezes tiveram que se submeter a padrões de costumes heterossexuais e até a abstinência sexual, ou vivenciar o não vivido com a masturbação para amenizar o sofrimento do afeto não materializado. Herbert Daniel teve que conviver dentro da militância com a dor latejante dos seus afetos e desejos internalizados por uma escolha de interdições.

Quis estipar o sexo antigo. Aos poucos, naquele ano, adotei um sexo futuro, novo, que naquele instante se tornava pura abstinência. A última vez que trepei com alguém deve ter sido em meados de 67. Abstinente passei toda a clandestinidade. Sete anos. (Não posso deixar de escrever o prometido elogio à punheta, senão dificilmente poderei fazer alguém compreender a minha clandestinidade. Porque creio que se tivesse apagado meu sexo nunca teria acreditado na militância. Um militante sem sexo é um totalitário perigoso. Um punheteiro é apenas um confuso ingênuo e esperançoso.)” (DANIEL,1984.p.164)

E quaisquer afetos emergidos de uma amizade no âmbito da guerrilha que não fosse encampado por ideais da revolução, sofreriam interdições, pois amizade não poderia demonstrar uma carga de afeto que tivesse fora ou que causasse estranheza aos preceitos ideológicos.

Alfredo Syrkis, em suas memórias, narrada na obra *Os Carbonários*, nos relata um pouco sobre o comportamento do seu companheiro de guerrilha, Herbert Daniel. Nesse relato fica claro que Daniel era um jovem rapaz admirado por todos, muitos disputavam sua amizade e sua atenção, mas por outro lado era um indivíduo tristonho, Syrkis chega relatar: “Apesar de seu

grande senso de humor, ele era um cara meio tristonho, parecia colecionar desilusões amorosas” (SYRKIS,1981.p.133). Alfredo também deixa transparecer que essa vontade dos demais companheiros, muitas vezes era impulsionada pela vasta experiência de Daniel no âmbito ideológico da esquerda.

Realmente lia muito, sabia um monte de coisas. Era um grande papo e escrevia peças de teatro. Enturmou às mil maravilhas com a gente: disputávamos pra ver quem ficava mais amigo dele. Conversávamos longamente sobre problema da revolução, da arte, da vida cotidiana, dos problemas existenciais” (SYRKIS,1981.p.133)

Daniel (1984), narra o encontro dele com Cláudio, que se muda para uma casa nos meados de 1970 onde já se encontrava Daniel, conheceram-se pelos nomes de Manuel e Marcelo. O Cláudio-Manuel na obra conta para Marcelo como se dava os rachas que acarretavam em uma nova sigla ou novo grupo guerrilheiro. Tornam-se amigos, e essa amizade tornar-se-ia um amor, que se juntara a muitos outros que Daniel viveu de forma clandestinalizada, como se não bastasse a amizade, os dois tinham que conviver com as máscaras dos nomes falsos e em cubículos, ambas com funções de esconder e “proteger” os indivíduos da repressão da ditadura. Conviviam no interior da guerrilha em estratos de amizade de representações normativas, que não só asseguravam suas características de um bom e disciplinado guerrilheiro. Que rendeu para Daniel até o comando da VPR e que por outro lado insuflava padrões permissíveis de afeto, limitador de outras insurgências de amar.

Entre Manuel e Marcelo existia a discrepância política que ambos não reconheciam graças à amizade. E apesar do conhecimento político vir da amizade, eles não reconheciam isto. A amizade dos dois não era justificada pelo critério ideológico político e sim pelas vibrações do amar que ambos sentiam um pelo o outro. Entre os dois surge uma cumplicidade que os permitem trilhar por caminhos de fuga, que soam como resistência, possibilitando-os falar de corpo e sexo, mesmo estando dentro de uma cartografia de interdição. Manuel falava da dificuldade de lidar com a sexualidade conflitiva, chegando a dizer: “– Não sei... acho que a homossexualidade é uma espécie de fraqueza moral. Não a deixo que ela me domine.”(DANIEL,1984.p.36). Já Marcelo apesar de manter um discurso parecido com o de Manuel, não falava de fraqueza moral, e se reconhecia como uma variante do “normal” e daí juntos elaboraram uma explicação.

[...]Uma justificativa apenas. Já não eram doentes ou monstruosos. Apenas desviantes, como todos os loucos. Capazes de “se adaptarem”. E, um no outro, tiveram apoio para se sentirem livres de algumas culpas. (DANIEL,1984.p.36).

Mesmo Daniel transitando pela linha tênue entre a razão e a loucura, caminho encontrado por ele para entender o desconhecimento de seu desejo, que o faz perceber e se reconhecer como um simples desviante, suas falas e afetos se manterão excluídos. “..., o louco é aquele cujo

discurso não pode circular como o dos outros:” (FOUCAULT,2006.p.11). É por isso que ambos não conseguiram discutir seus desejos naquele espaço de forma clara sem máscaras e tão pouco efetivar seus afetos e vontades. Ali, a burocracia da esquerda exauria a possibilidade de relações afetivas de amizades mais intensas.”Marcelo naquela época ainda não poria em prática sua teoria; continuaria cultivando sua abstinência sexual que o tornara “normal” nas contendas da guerrilha”. (DANIEL, 1984.p.36)

Uma vez desaparecida a amizade enquanto relação culturalmente aceita, a questão é colocada: “o que fazem, então dois homens juntos?” E neste momento o problema apareceu. Em nossos dias, quando os homens fazem amor ou têm relações sexuais, isso é percebido como um problema. Estou seguro de ter razão: a desaparecimento da amizade enquanto relação social e o fato da homossexualidade ser declarada como problema social, político e médico fazem parte do mesmo processo”(FOUCAULT)

Daniel e Cláudio reféns do querer e do comportamento sexual não se admitiam como homossexuais e não conseguiam calar seus afetos e desejos que alimentavam em segredo.

A moralização da ideologia contava também com a medicalização da vida dos afetos, na tentativa de normalizar os desejos. Na obra *O meu corpo daria um romance* há uma personagem que se chama Pedro, militante da guerrilha da VPR e ao surgimento do seu sexto dedo e de pesados seios conviveria com risadinhas sarcásticas, com a solidão, o silêncio, a dor e com a possibilidade de ser enviado ao exterior para se tratar.

Pedro acabou se conformando. Tomava seus remédios – muita aspirina, não tínhamos outra coisa em estoque. Era um ritual. Ele não queria guardar com ele os medicamentos. A intervalos regulares me procurava e pedia, está na hora do meu remédio. Eu lhe dava a aspirina. Ele dizia que se sentia cada vez menos doente.”(DANIEL, 1984.p.32)

A esquerda, ao moralizar outras vontades afetivas, causava variados males ao corpo dos indivíduos, como a dor, a insegurança, o medo, a solidão e até náuseas e vômitos, naqueles que não viam nenhum problema em ser de esquerda e ser homoerótico e fumar um cigarro de maconha. O livro de Zuenir Ventura, *1968 O ano que não terminou* descreve uma passagem que mostra o quanto a esquerda estratificava os afetos em nome de um saber ideológico, que o faz aprisionar-se ou diminuir-se no momento em que limitava as vibrações da vida nos corpos.

A intolerância da esquerda, de todas as esquerdas, era ainda maior quando essas liberalidades de costumes ameaçavam tabus como a prática do homossexualismo ou a experimentação de drogas. (...) Vocês não podem imaginar o que sofria uma pessoa como eu, que era comunista, homossexual e usava droga, lembra-se Luís Carlos Lacerda. (VENTURA,1988.p.41)

Afetos de variadas ordens ou desejos sofreram interdições e exclusões tanto das estratificações da esquerda, quanto da direita, e em ambas existem os mesmos discursos de

interdição e exclusão. No âmbito da guerrilha os afetos femininos também sofreram interdição, a guerrilheira Iara pertencente ao grupo da VPR e foi vítima de discursos coercitivos.

[...]Iara não tinha muito a ver com suas colegas de militância. Além de bonita, loura, alta, olhos claros e um sorriso aberto, era muito vaidosa. Cuidava do corpo talvez com o mesmo zelo com que cuidava do fuzil. Não se enquadrava exatamente no que chamavam de 'moral proletária', contam Emiliano e Oldack. Sexualmente continuava independente, não pedia licença a ninguém para amar. Dentro da VPR era uma mulher 'comentada', vaidosa e transeira, segundo os ortodoxos padrões predominantes. (VENTURA, 1988.p.40)

No âmbito da guerrilha revolucionária, percebemos que existia uma hierarquia de clandestinidade ou de exílio, que se mantinha graças à vontade de verdade, geradora de indivíduos clandestinalizados e exilados, no seu próprio espaço. Limitando os desejos a uma ideia de liberdade que muitos achavam se tratar de uma causa justa e quase filantrópica, solucionadora de todos os males sociais. A guerrilha tinha na prática muita dificuldade de aceitar comportamentos afetivos que ficasse subentendido como anti-revolucionário, sobre esses mantinha atitudes rígidas, muitas vezes mais rígidas do que as práticas capitalistas, que assimila muito bem qualquer ato de resistência.

Uma diferença entre os movimentos revolucionários e as lutas contra o poder cotidiano é precisamente que os primeiros não querem o sucesso. O que significa ter sucesso Significa que uma demanda, qualquer que seja ela – uma greve, por exemplo – foi aceita. Ora, se a demanda foi aceita, isso prova que os adversários capitalistas são ainda muito flexíveis, usam muitas estratégias e são capazes de sobreviverem.(FOUCAULT, 2006.p.34)

As sensibilidades artísticas que nesse período estiveram ligadas ao movimento do tropicalismo, e se metamorfoseou em obra de arte em diversas áreas, muitas vezes oriundas das pressões dessas estratificações de desejos e afetos lutaram contra o estrato ideológico tão comum nesse período, limitador das vibrações criativas. E que lutaram também contra todos os tipos de binarismo, buscando superar as divisões, desde gênero, ou de cultura nacional versus internacional até o de arte engajada versus arte alienada. Dizia Caetano Veloso em um de seus shows: "Nós não somos homens, nem somos mulheres[...]" (FRY, 1983.p.19). Já o artista plástico Antônio Dias, no documentário citado alguns parágrafos acima dizia: "É preciso muita força para não pensar em termos idealistas, para estes, estou sempre atento."

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando.(1982) Sobre a obscena senhora D. Artigo de julho de S. Paulo IN: www.angelfine.com/ri/casadoso/hhilst/htm/critica, acessado em 20 de abril de 2007

_____ (2005) Caio 3D. O essencial da década de 70. Rio de Janeiro: Agir Editora.

_____ (2005) Caio 3D. O essencial da década de 80. Rio de Janeiro: Agir Editora.

_____ (2005). Morangos mofados. Rio de Janeiro: Agir,

BARTHES, Roland. (1987) Fragmentos de um discurso amoroso. Lisboa; Edições 70,

BATAILLE, Georges. (2004.) O erotismo. São Paulo: Arx,

BAUMAM,Zygmunt. (2001). Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar editor.

_____ (1995). Identidade. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

BURKE, Peter. (2004). O que é história Cultural? . Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

CERTEAU, Michel de(2002). A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária

CERTEAU, Michel de. (1994). A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes.

CESAR, Ana Cristina (1999). A teus pés. São Paulo: Ática,

CHAUVENAU, Agnès e TÉTARD, Philippe (orgs.). (1999).Questões para uma história do presente. São Paulo: EDUSC

DANIEL, Herbert. (1984). Meu corpo daria um romance. Rio de Janeiro: Rocco

_____ (1989) Vida antes da morte. Rio de Janeiro. Tipografia Jaboti

DEL PRIORE, Mary. (2005) História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto,

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. (2004) Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol 3. Rio de Janeiro: Editora 34.

FIGARI, Carlos. As outras cariocas. Interpolações, experiências e identidades hoeróticas no Rio de Janeiro. Século XVII a XX. Belo Horizonte: Editora ufmg \$ Rio de Janeiro: Editora da IUPERJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>

GIDDENS, Anthony. (2002) Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

_____. (1991) As conseqüências da modernidade. São Paulo: UNESP,

HILST, Hilda. (2002) Exercícios. Rio de Janeiro: Editora Globo

HUNT, Lynn. (2001) A nova história cultural.. Tradução de Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes.

LEMINSK, Paulo. (2002). Distraídos venceremos. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense.

NÓBREGA, Elisa Mariana Medeiros (2006) Histórias de confissões e de leituras:a emergência histórica da edições GLS. Tese de doutorado. Digitado.

PAZ, Octávio. (2006). Labirinto da solidão. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PESAVENTO, Sandra jatahy. (2005). História e história Cultural. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). (2003) História, memória, literatura – o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: UNICAMP,
Syrkis, Alfredo. Os Carbonários. Memórias de uma guerrilha perdida. 6ed. São Paulo: Global Editora, 1980.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso. A homossexualidade no Brasil da Colônia à atualidade. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. VENTURA, Zuenir. (1990). 1968: o ano que não terminou. São Paulo: Círculo do livro.